

Resistência armada no Paraguai: a luta contra a ditadura de Alfredo Stroessner

***Graziano Uchôa**

Resumo:

Baseado em uma política de cunho autoritário, o Paraguai de Stroessner foi precursor no que seria uma constante em outros governos militares, a sociedade vivendo em um permanente estado de sítio. Frente a esse contexto, surgiram agrupamentos armados (guerrilhas), tendo como intuito tomar o poder das mãos de Stroessner. Apropriando-se do discurso anticomunista, o *stronato* sufocou qualquer oposição, conseguindo manter-se no poder durante longos anos.

Palavras-Chave: Ditadura, Stroessner, Guerrilhas.

Abstract:

The Stroessner of Paraguay based on a policy of authoritarian nature was a forerunner in what would be a constant in other military governments, society living in a permanent state of siege. Against this context, armed groups have emerged (guerrillas), with the aim to take power from the hands of Stroessner. Appropriating the anti-Communist discourse, the *stronato* suffocated any opposition managing to remain in power for long years.

Keywords: Dictatorship, Stroessner, Guerrillas.

Introdução

No artigo ora apresentado, pretendemos examinar o intento de luta armada no Paraguai. Em especial, a fase dos anos de 1950 e 1960, quando a Frente Unida de Liberación Nacional (FULNA) e o Movimiento 14 de Mayo (M14) organizaram-se para se opor ao regime do ditador Alfredo Matiuda Stroessner. Analisaremos como o discurso de segurança nacional intensificou a ideia do *inimigo interno* e contribuiu de forma importante para que o regime *stronista* (como é conhecido o governo de Stroessner) minimizasse as disputas internas pelo poder no Paraguai, conseguindo, assim, manter-se no poder pelo longo período de 35 anos (1954-1989).

Assinalamos que este trabalho baseia-se em um levantamento das obras existentes sobre o tema. Daí sua importância, nesse sentido, pois, além de divulgar uma temática

* Professor da rede estadual e privada do em Mato Grosso. Doutorando no Programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal de Mato Grosso.

pouco explorada (a luta armada no período Stroessner), contribui com apontamentos relevantes para as leituras que já foram feitas sobre o assunto. Importante salientar que pesquisas sobre tal objeto por pesquisadores brasileiros é muito pequena; portanto, a maior parte das informações são retiradas de autores paraguaios. Mesmo assim, comparadas com o material que analisa as resistências armadas no Cone Sul, as experiências ocorridas no Paraguai ainda apresentam pouca projeção.

Para explicar a carência de trabalhos analisando as guerrilhas do período Stroessner, citamos o autor Andrew Nickson, em uma das obras mais recentes sobre as guerrilhas no Paraguai de Stroessner. Segundo Nickson:

De entrada, cabe señalar que, hasta ahora, no existe un estudio pormenorizado sobre esta experiencia subversiva. Debido a la fuerte represión cultural, su historia real casi no fue divulgada en absoluto durante el la “era stronista”. Además, por diferentes razones, los mismos líderes de cada movimiento no tenían interes en que se destapen los errores fundamentales cometidos por si mismos. Fue solamente desde el inicio de la transición democrática en 1989 que empezó a aparecer un reducido número de testimonios escritos por los pocos sobrevivientes de la experiencia insurgente. (NICKSON, 2013, p.16).

Para apreender a formação dessas agrupações guerrilheiras, é preciso se atentar para a conjuntura em que elas surgiram. Indicamos que, por falta de espaço, não nos aprofundaremos sobre alguns pontos (a relação do regime Stroessner e das guerrilhas com o passado paraguaio, o papel dos Estados Unidos, Argentina e Brasil). Porém, entendemos que, mesmo de maneira breve, tais ideias são essenciais para respaldar nossa proposta.

No período em que Stroessner esteve no poder, o laço político estabelecido com o Brasil se fortaleceu. Stroessner pôde, assim, aumentar sua área de articulação que antes estava restrita à relação que mantinha com a Argentina. Ressaltamos que a Argentina, desde o final do século XIX, apareceu na história do Paraguai como um território propício para a oposição ao governo stronista.

A Asociación Nacional Republicana, popularmente conhecida como Partido Colorado, historicamente disputou o espaço político paraguaio com o seu principal rival o Partido Liberal simpatizante da República Argentina. Durante o período de consolidação de seu regime, Stroessner primeiro concentrou suas forças para sufocar seus opositores dentro de seu próprio partido (Colorado). Estabilizadas as condições internas, iniciou a caça às outras forças políticas. Em uma fase inicial, isso as forçou a deixar o

Paraguai. Os principais inimigos de Stroessner puderam, então, encontrar guarita na Argentina. Para reforçar nossa argumentação, citamos a autora Lorena Soler:

De la misma forma que la elite “ilustrada” regresa después de la Guerra de la Triple Alianza con voluntad de construir el Estado Liberal paraguayo, los cuadros más importantes de la guerrilla se organizan desde Buenos Aires y la zona fronteriza con Argentina, ingresando para sus “operaciones” desde las provincias de Misiones, Corrientes y Formosa. Por otra parte, fuertes lazos políticos que mantienen las tres organizaciones armadas más importantes M14, fundada en el Municipio de Lanús (Buenos Aires), FULNA y especialmente, OPM [...] deben explicarse en la distracción de los gobiernos militares argentinos con las guerrillas armadas paraguayas, dadas las estrechas pero efímeras relaciones políticas entre Stroessner y Perón. (SOLER, 2009)

Enfim, o governo argentino apoiava ou não as guerrilhas paraguaias? Era fato que os maiores opositores ao *stronato* encontravam-se asilados naquele país. Contudo, a Argentina negava as acusações e insistia em dizer que não estava dando nenhum apoio aos exilados para depor Stroessner. Segundo Alfredo da Mota Menezes:

Provavelmente isto era verdade, porém o difícil era convencer os Colorados. É bem provável que o governo argentino não estivesse dando armas ou outras coisas aos opositores de Stroessner baseados em seu território, mas algumas tentativas para depor Stroessner vieram da Argentina e isto parecia mais do que suficiente para os Colorados olharem o país com certa desconfiança. (MENEZES, 1987, p.62)

No entanto, Roberto Paredes aponta que:

El gobierno de Stroessner no era bien visto por los militares que lideraron la ‘revolución libertadora’ contra Perón, en primer lugar, debido a que el Paraguay otorgó asilo político al caudillo argentino y resistió todas las presiones que se realizaran para evitar su entrega; en segundo lugar, por la ‘marcha hacia el Este’, giro geopolítico que aproximaba fuertemente al Paraguay del Brasil, cuestión que no era bien vista sobre todo por el que entonces era considerado mayor estrategia geopolítico argentino, Isaac Rojas. Lo cierto y concreto es que los militares argentinos cooperaron directamente con sectores de la oposición paraguaya, para armar y entrenar a algunos guerrilleros (PAREDES, 2004, p.88).

O discurso anticomunista surgiu como um novo elemento para legitimar o discurso construído por Stroessner para combater qualquer oposição. Durante a Guerra Fria, todos os que questionaram o *stronato* foram, em algum momento, qualificados como comunistas e sofreram com a dura repressão. O automático enquadramento dos opositores como sendo elementos comunistas foi uma arma empregada pelo regime de Stroessner

de forma bastante eficaz. O *stronismo construiu* um mito em que seu governo surgia como o defensor dos princípios democráticos, enquanto seus oponentes apareciam como elementos contrários a esses princípios. Conseguiu, com isso, apresentar-se como alternativa capaz de promover a paz e o progresso e, também, como o único que impediria que o Paraguai fosse contaminado com esse ideário tão nocivo; o comunismo (MORAES, 2000, p.75-76).

Em 1959, o movimento em armas, que culminou com a Revolução Cubana e a derrocada do ditador Fulgêncio Batista, marcou um novo capítulo na história mundial. Um novo fôlego foi dado aos setores de esquerda e aos setores de oposição que percebiam, nesse movimento, a possibilidade de dar fim às ditaduras militares instauradas na América Latina.

A repercussão do movimento vitorioso em Cuba não demorou a impactar a sociedade paraguaia, o que culminou no aparecimento de novas organizações, inclusive de cunho armado. Segundo Oscar Creydt:

[...] con las luchas estudiantiles y la división del Partido Colorado, impulsada desde agosto de 1958 por la huelga general que paralizó a todo el país, se produjo en el Paraguay una situación revolucionaria. Esto es lo importante y esto es lo que no debe ser olvidado (CREYDT, 2007, p.90).

A oposição considerava que aquele era o momento exato para conseguir derrotar Stroessner. A conjuntura interna paraguaia apontava para isso e o contexto internacional mostrava que esse era o momento propício para um contra-ataque. A luta armada no Paraguai aparece dividida por fases na proposta de Roberto Céspedes e Roberto Paredes (CÉSPEDES; PAREDES, 2004,p.08-09)

A fase inicial, descrita como tradicional, ocorreu no início de 1959. Foi caracterizada pelo caos político e teve como marco principal o pacto das cúpulas dos Partidos Liberal e Febrerista exiladas na Argentina, organizando-se na Unión Nacional Paraguaya. Esses levantes armados são intitulados tradicionais porque seus projetos não detinham uma ideologia e se inseriam numa lógica de disputa local. O Partido Colorado, o Liberal e o Febrerista encabeçaram, nesse momento, os conflitos e pretendiam com isso não mais que um novo golpe de estado. A Unión Paraguaya perdeu forças com o estabelecimento da ala colorada próxima a Stroessner no poder. Essas primeiras tentativas de ações armadas não se inserem na lógica de guerra de guerrilhas.

A segunda fase ocorre em um contexto diferente. Nessa fase, a concepção das agrupações armadas inspira-se na ideia advinda dos acontecimentos que possibilitaram a Revolução Cubana. O intuito é o de formar pequenos grupos de combatentes que, organizados desde o território argentino, adentrariam o Paraguai e conseguiriam o apoio do povo, principalmente dos trabalhadores rurais. Nesse contexto, surgem o 14 de Mayo e a FULNA.

O 14 de Mayo tem sua origem ligada ao grande número de cidadãos paraguaios que se viram obrigados a fugir para o exílio durante os anos em que Stroessner governou o Paraguai. A eliminação sumária dos destoantes ao regime, todos os partidos opositores postos na ilegalidade, impossibilitou que muitos paraguaios continuassem em seu país. Essa situação fez com que “Aproximadamente 1 milhão de paraguaios procurassem exílio na Argentina, no Brasil e no Uruguai, segundo o Comitê Católico Mundial de Migrações” (MARIANO, 2003, p.222).

Alguns militantes dos partidos Liberal e Febrerista começaram a se reorganizar em território estrangeiro, principalmente em solo argentino. Os que participaram desse projeto eram pessoas que não concordavam com o que estava acontecendo no Paraguai. Nesse período (1958), Stroessner tinha autorizado as eleições e “convidara” os partidos opositores a voltar e participar.

Alguns componentes dos Partidos mais tradicionais do Paraguai, e que nesse momento encontravam-se no exílio, não acordavam em voltar para o Paraguai e compactuar com o que julgavam ser uma farsa; o pleito de 1958. Optaram por continuar em território estrangeiro. Isso não agradou a ala dirigente dos Partidos Liberal e Febrerista, já que via nessa proposta uma chance de voltar à legalidade. Esse fato causou, assim, uma divergência de opiniões dentro desses partidos. Os que continuaram em exílio começaram então a traçar outros planos.

Entre eles, compunha a pauta de esse novo planejamento arregimentar os que ansiavam pela queda do regime *stronista* e que não estavam organizados em partidos políticos. Uma ressalva importante é que muitos paraguaios decidiram deixar o país e, para que tomassem essa decisão, havia uma gama de ensejos. No entanto, a política agrária estabelecida no governo Stroessner aparecia como um dos principais motivos pelo qual a população deixava o Paraguai.

Desse modo, os militantes dos partidos opositores que estavam no exílio enxergavam nessa massa que migrava para território argentino um “potencial revolucionário”. Assim, tem início o germe do que seria o Movimiento 14 de Mayo. O

movimento surge indefinido ideologicamente e com várias incoerências a nível diretivo, surgem sem um programa estabelecido (CHIAVENATO, 1980, p.121).

A situação dos paraguaios na Argentina não era a das melhores. Muitas pessoas que migravam para esse país encontravam-se em situação ilegal, o que implicava na impossibilidade de conseguirem empregos. Nessas condições, eram obrigados a se dedicar a atividades desgastantes em que eram mal remunerados. A antropóloga Diana Arellano descreve da seguinte maneira a situação dos exilados paraguaios na Argentina:

Si el exilio es un hecho doloroso por múltiples factores, la situación de una gran parte de los paraguayos se complicaba aún más. Para muchos el guaraní era su única lengua, solo manejaban el castellano para los “ asuntos con la autoridad”. En esos casos, trataban por todos medios de asentarse en las provincias argentinas fronterizas, Misiones, Corrientes, Chaco o Formosa, empleándose como peones rurales o dedicándose a diversas tareas del sector ‘informal’ (ARELLANO, 2004, p.82).

Dito isso, os paraguaios que se encontravam nessas regiões da Argentina começaram a encontrar dificuldades para sua atuação política. Aspectos culturais como a língua, a condição ilegal dentro do país, deixavam uma margem quase nula para que pudessem organizar-se contra o regime de Stroessner.

Famílias inteiras tinham sido forçadas a deixar o Paraguai, uma boa parte por conta da perseguição política e outra pelo fator econômico. Naquele momento, as práticas sociais que conseguiram estabelecer em solo argentino foram primordiais para que pudessem pensar uma forma de voltar ao Paraguai e reaver os direitos de cidadão retirados pelo regime.

Assim sendo, o Movimiento 14 de Mayo (alusão à independência do Paraguai) não é um movimento que levantou a bandeira do comunismo. Apresenta-se como um movimento pluralista. Movimento que contém em suas fileiras militantes dos partidos Febrerista e Liberal e conta, também, com simpatizantes de outros partidos (a exemplo dos dissidentes colorados e do Partido Comunista Paraguai) e de cidadãos que tinham como único objetivo voltar ao Paraguai.

Viam na luta armada a chance de derrubar o *stronismo*, entretanto, não constava em seus planos estabelecer um governo socialista. Seus integrantes queriam, em sua grande maioria, somente reintegrar-se social e politicamente. Isso explica como esses diferentes grupos de exilados na Argentina configurariam uma extensão do Paraguai.

Suas esperanças, nesse momento, confluíam em um alvo único, regressar ao seu país de origem.

Em 4 de maio de 1959, assinava-se a ata de constituição do Movimiento 14 de Mayo. Este feito contou com representantes de organizações que combatiam o *stronismo* desde o exílio, visando unificar as ações de seus integrantes.

O 14 de Mayo propõe aos setores mais organizados do Paraguai (Exército e Partido Colorado) que se juntem às fileiras do movimento e, também, que participem da sublevação contra o regime de Stroessner.

Outro aspecto importante a ser observado nessa comunicação é a necessidade do 14 de Mayo em reafirmar seus princípios cristãos e patrióticos. Para conseguir o apoio do povo, era necessário desconstruir a ideia de que eram pessoas que estavam tentando voltar ao Paraguai para disseminar ideias ‘vindas de fora’, regressando ao país transformados em elementos violentos, perigosos, ateus e, sobretudo, comunistas.

Por sobre nuestras divergencias, nuestro enconos, está el Amor de Dios, de nuestra Santa Religión; está la sangre de nuestra sangre, que hemos vertido por culpa de la maldad del tirano [...] está el sentimiento patriótico que nos une a esa tierra bendita de tantos sacrificios y alegrías; está nuestro destino, que es el destino de todos los paraguayos (LACHI, 2004,p.216-217).

Podemos, dessa forma, inferir que a composição do Movimiento 14 de Mayo era bastante pluralista. Em sua estrutura, permitiu-se que ingressassem pessoas com as mais variadas motivações.

O Partido Comunista Paraguaio (PCP) resolve participar da luta armada no Paraguai. O PCP tinha conhecimento que o Movimiento 14 de Mayo estava se estruturando para adentrar o país e, assim, derrubar o *stronato*. Todavia, identificavam que a revolução almejada pelo Partido Comunista Paraguaio não viria tão facilmente. O PCP acordou que essa viria por etapas e que, nesse primeiro momento, deveria articular-se com quem visasse à queda do regime de Stroessner, inclusive com esses militantes ‘pequenos burgueses’ que também compunham o 14 de Mayo. Discorreremos, então, sobre outra sugestão guerrilheira, desta vez com uma influência maior do PCP. Surge a Frente Unida de Liberación Nacional (FULNA).

O ato de fundação da FULNA aparece nas obras consultadas como tendo se realizado em fevereiro de 1959. Foi o padre Ramón Talavera, que teve suas licenças

sacramentais caçadas em 1963, quem lançou a proposta da criação desta frente desde seu exílio em Montevideú.

Talavera participou também do planejamento do 14 de mayo. Comparando as atas de fundação da FULNA e do M14, veremos que a frente foi a primeira tentativa de reunir toda a oposição em luta. Contudo, começamos a descrever o M14 primeiramente que a FULNA. Isso tendo em mente as irrupções feitas pelas guerrilhas até o Paraguai e tendo o M14 como primeiro grupo a tentar tomar o poder pela via armada. Mesmo que a FULNA tenha sido formada primeiramente, suas ações dependeram das experiências dessas irrupções iniciais.

Essa efervescência da oposição ao regime gerou as condições propícias para o desencadeamento da luta guerrilheira. As reivindicações de algumas vozes de destaque, a exemplo de Ramón Talavera, possibilitaram a criação da FULNA. Em Montevideú, representantes dos partidos Comunista, Liberal e Febrerista reuniram-se para começar a planejar o que viria a ser essa frente.

A FULNA surge, então, como uma proposta de coordenar os vários intentos na luta pela caída de Stroessner. No entanto, o PCP deu um maior peso a essa frente, convertendo uma parte importante de suas forças para o levante da FULNA, fazendo um “giro” de seus quadros mais preparados para dentro dessa frente. Fizeram isso porque achavam que a margem que sobrava ao partido dentro de outras propostas, a exemplo do 14 de Mayo, não era suficiente. Queria uma organização de frente única juntamente com o 14 de Mayo e com todos que assim quisessem lutar contra a ditadura de Alfredo Stroessner. No entanto:

Casi todos los miembros del movimiento conocido como la FULNA (Frente Unido de Liberación Nacional), formaban parte del PCP (Partido Comunista Paraguayo). Uno de sus secretarios fue Oscar Creydt, Stalinista. [...] Destacar que el PCP había constituido una fuerte oposición en la década de 1960, no teniendo ni los cuadros ni el peso que había alcanzado entre los 1947 y 1948; operaban en varios frentes y sea político, sindical, militar, campesino y estudiantil; a través de sus simpatizantes realizaban sucesivas manifestaciones en las calles de Asunción, así como las huelgas en los años 1958 y 1959 (BENITEZ,1998, p.44-45).

Assim sendo, a FULNA aparece composta por militantes de vários partidos, porém, majoritariamente arranjada por quadros do Partido Comunista Paraguai. O que

levou o 14 de mayo a se organizar de forma paralela à frente, colaborando com esta, mas não se dissolvendo dentro da mesma.

Temos, assim, nesse momento, dois grupos de influência na luta armada paraguaia, o grupo 14 de Mayo, de composição Liberal e Febrerista em sua maioria, e a FULNA que tem o PCP como “carro chefe”. As incursões tiveram início desde o território argentino.

A primeira coluna encontrava-se na região de Posadas e planejava entrar no Paraguai cruzando o rio Paraná, onde chegariam à cidade de Encarnación; sua missão era tomar a prefeitura, neutralizar as forças policiais e o grupo de cavalaria. No entanto, para que esse plano desse certo, contavam com a promessa de que um grupo de pessoas que estavam em Encarnación no Paraguai se somaria às fileiras do movimento. Para a infelicidade dos planos do M14, isso não ocorreu.

A segunda coluna com o nome de Mainunby ingressou pela região de Puerto Rico (Misiones); a terceira Coluna era a de Puerto Iguazú, chamada de *Pátria e Libertad*. Essas duas colunas conseguiram avançar bastante em território Paraguai, inclusive tomando portos dessa região e dominando as forças policiais das mesmas. As outras duas colunas entrariam pelas regiões de Puerto Península e Eldorado – regiões de Misiones, Argentina (ARELLANO, 2004, p.82).

Entretanto, essas invasões coordenadas pelo M14, que tiveram início em 12 de dezembro de 1959, não conseguiram se sustentar por muito tempo. Algumas das colunas tombaram rapidamente e seus integrantes foram presos ou mortos. Segundo Fátima Yore:

En realidad las FF.AA, contralaron a situación desde el principio y las acciones rebeldes fueron todas abortadas y brutalmente reprimidas. Los guerrilleros que no eran muertos combatiendo, eran tomados prisioneros y ferozmente torturados y mutilados hasta morir. Ningún rebelde tomado vivo fue encarcelado ni juzgado. (YORE, 1992, p.227)

Dessa primeira ação do 14 de Mayo, um grupo de combatentes dirigidos por Juan José Rotela – um dos principais quadros do M14 – conseguiu escapar da repressão *stronista* e voltar para reorganizar-se em território argentino. Assim, ocorreria a segunda tentativa do M14 em derrubar Stroessner (em junho de 1960) e, juntamente com a ação de Rotela, a FULNA também se inseriria na luta armada paraguaia.

Começaram os enfrentamentos entre o grupo 14 de Mayo e as forças do exército *stronista*. O efetivo militar do governo Stroessner, apoiado por milicianos do Partido

Colorado, impediu que os guerrilheiros ocupassem a localidade. Enquanto isso, Patrício Colmán, coronel das forças regulares do governo Stroessner, organizou suas tropas e protagonizou uma perseguição implacável aos guerrilheiros.

O grupo liderado por Rotela foi totalmente massacrado pela repressão e o final dos intentos do 14 de Mayo é descrito da seguinte forma:

Muchos fueron torturados, echados desde aviones. Las peores cosas han hecho con la gente de Rotela y él mismo fue muerto, no sé cómo. Después un grupo que Rotela aisló, lo que fue criminal porque exponerlo a caer em manos del enemigo, tuvo um choque y fue aniquilado el jefe de este grupo, Aguilera, es el que fue asesinado en Capitán Meza. [...] Así terminaron las acciones del 14 de Mayo (CREYDT, 2007, p.318)

Ainda sobre o “golpe de misericórdia” ao Movimento 14 de Mayo, ocorrido em junho de 1960:

Juan José Rotela tentou uma última alternativa: mudar a direção das invasões. Com os guerrilheiros sobreviventes tentou entrar no Paraguai pela fronteira do Brasil. A tentativa não deu certo, eles foram cercados. Desistiram da luta e voltaram ao Brasil, onde se entregaram e pediram asilo político. O governo brasileiro os entregou a Patrício Cólman e Edgard Insfrán – secretamente, sem nenhuma publicidade do fato. Trinta guerrilheiros, entre eles Juan José Rotela, o chefe do 14 de Mayo, foram fuzilados imediatamente, na fronteira Brasil-Paraguai (CHIAVENATO, 1980,p.126).

A FULNA estava ciente do poderio da ditadura *stronista*. Por isso, a orientação aos seus militantes era que colaborassem com os outros grupos de guerrilhas atuantes naquele momento. A resolução que o PCP tomou foi a de escolher um nome forte no interior do Paraguai, para, dessa forma, começar a organizar a luta armada partindo do campo. O homem escolhido para essa missão foi Arturo López, que respondia pelo codinome de Agapito Valiente.

Assim, surgiu o grupo guerrilheiro Mariscal López, que tinha como objetivo principal servir como a “ponta da lança” dentro da FULNA. Além dessa parcela que atuava dentro do Paraguai, o PCP ainda formou outro contingente de apoio à guerrilha que se organizou desde o território argentino. Este serviria para dar apoio à guerrilha camponesa. E, no final de abril de 1960, adentrou o Paraguai o grupo que compôs essa coluna chamada de Ytororó.

A coluna Ytororó (saindo de Misiones na Argentina) começou sua jornada rumo ao morro de Ybyturuzú em Vila Rica. Tinha como intuito estabelecer a central de

operação da FULNA nessa região. O sistema repressivo de Stroessner não demorou em tomar ciência dos fatos citados. Primeiro, organizou o isolamento da Coluna Mariscal López; em seguida, perseguiu de forma intensa a coluna Ytororó, que não demorou a ser totalmente aniquilada.

La Columna Mariscal López siguió esperando la entrada de la Columna Ytororó hasta que supo del desenlace de la misma em agosto de 1960. Muchos fueron los factores que causaran la derrota de la Columna Ytororó, tanto externos como internos: conocimiento por parte del enemigo de los planes de ingreso; desinteligencia interna del misma comandancia de la Columna que o se pudo solucionar antes del ingreso; separación de la columna em grupos por las causas citadas que facilitaron a las fuerzas militares de Colmán aniquilarla por pedazos [...] De los 54 integrantes de la Columna Ytororó 52 cayeron y fueron asesinados. (DURE, Victor V. e SILVA, Agripino, 2004, p.142-143).

O fim da FULNA foi, então, sendo traçado. O episódio que arrematou sua queda foi a morte de Agapito Valiente em 1970. Patrício Colmán, general de Stroessner, mesmo depois de conseguir dismantelar toda a organização da FULNA, não poupou esforços para acabar com esse quadro do PCP, que nesses tempos já havia virado referência dentro da esquerda paraguaia.

Os primeiros movimentos guerrilheiros foram, desse modo, asfixiados ao longo de uma década (1959-1970). Segundo Oscar Creydt, a luta armada seria suspendida “até que se criem melhores condições para esta forma superior de luta em nosso país” (CREYDT, 2007, p.326). Na verdade, quando alude a essas “condições”, faz referência a um maior apoio das massas na luta contra o regime. O terror instaurado pela ditadura amedrontava enormemente o povo.

Na luta guerrilheira paraguaia não houve sobreviventes: pelo menos todos os líderes foram mortos e a maioria dos combatentes morreu em combate ou torturas que se efetuavam em plena selva. Os métodos de intimidação não ficavam apenas para os combatentes da guerrilha: os camponeses da região eram espancados, torturados e até assassinado preventivamente. Assim que os guerrilheiros estavam numa determinada zona, era inevitável que os militares da ditadura matassem alguns camponeses e torturassem outro tanto, como exemplo para os demais, que não deveriam lhes dar apoio (CHIAVENATO, 1980, p.120).

Os primeiros grupos guerrilheiros, como já apontamos, organizaram-se desde fora do território paraguaio; fato este que debilitou seus planos, deixando fragilizada a análise da conjuntura naquele momento:

Os dirigentes da FULNA, assim como os do Movimento 14 de maio, desde o exílio em Buenos Aires ou Montevideú idealizaram a guerrilha imaginando que a sociedade paraguaia continuava sendo a mesma que eles haviam conhecido, ou seja, aquela de 1947. No fundo, um Estado frouxamente constituído, com predomínio dos caudilhos e elites políticas, no qual, os alçamentos e quarteladas permitiam rápidas mudanças no comando do governo. A longa instabilidade posterior à guerra civil de 1947 parecia confirmar que a sociedade paraguaia pouco havia mudado (MORAES e COLMÁN, 2011).

Em nossas considerações finais, podemos apontar que o regime de Stroessner obrigou várias pessoas, que não concordavam com a ditadura, a abandonar o Paraguai. Esses grupos de exilados organizaram-se desde fora para por fim ao governo, sendo a Frente Unida de Liberación Nacional (FULNA) e o 14 de Mayo as mais expressivas experiências armadas nesse período. Entretanto, essas primeiras agrupações não demoraram a ser totalmente dizimadas. O serviço de repressão *stronista* não parava de se aprimorar. Todo o modo de fazer política do governo Stroessner baseava-se na coerção. Além disso, outro fator pesava para que o sucesso dessas agrupações não ocorresse. A maior parte dos seus quadros vivia em exílio, o que dificultava uma análise mais profunda do que realmente estava ocorrendo dentro do Paraguai.

O governo paraguaio, baseado, alicerçado no discurso anticomunista, procurou naturalizar suas ações mesmo que estas fossem contra o interesse da maioria. No campo das ideias, as disputas entre as ideologias comunista e capitalista serviram para acirrar os tradicionais conflitos no Paraguai. Na verdade, Stroessner utilizou-se disso para por fim a qualquer oposição, quando, na realidade, não queria defender o Paraguai de uma ameaça comunista. Mas, sim, defender seu tradicional e autoritário governo, mantendo o poder em suas mãos.

Os interesses dessa oposição armada merecem uma melhor análise. Neste trabalho, fizemos um levantamento das obras que discutem esses insurgentes. Contudo, ainda existem poucos trabalhos, sendo nossa principal contribuição mostrar que o tema é bastante rico e merece a devida atenção. No Paraguai, a produção sobre tal temática tem crescido, em especial, após a abertura de importantes arquivos no país. Todavia, com relação à produção acadêmica brasileira, os trabalhos voltados à ditadura *stronista* ainda

são poucos. Esperamos com nossas discussões suscitar interesse em futuras pesquisas, colocando em pauta a riqueza de possibilidades sobre trabalhos voltados para a história recente do Paraguai.

Bibliografia

Livros

ARELLANO, Diana. *La lucha no termina: Movimiento 14 de mayo para La liberación del paraguay (1959-1961)*. In: LACHI, Marcelo. *Insurgentes: La resistència armada a la dictadura de Stroessner*. Asunción/PY: Arandurã editorial, 2004.

BENITEZ, Adriano Abab Lopez. *Historia política del Paraguay 1940 a 2005*. Asunción-Paraguay, Gráfica Emasa S.R. L, 1998.

CHIAVENATO, Julio José Julio José. *Stroessner: retrato de uma ditadura*. -São Paulo: editora brasiliense, 1980.

CREYDT, Oscar. *Formación histórica de la Nación Paraguaya*. Asunción, Paraguay: Servilibro, 2007.

MARIANO, Nilson. *As garras do condor/ como as ditaduras militares da Argentina, do Chile, do Uruguai, do Brasil, da Bolívia e do Paraguai se associaram para eliminar adversários políticos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MENEZES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai 1955-1980*. Campinas, SP: Papirus, 1987.

MORAES, Ceres. *Paraguai: A consolidação da ditadura de Stroessner-1954-63*. -Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção história 34).

PAREDES, Roberto. *Stroessner y el stronismo*. Asunción/Paraguay; Servilibro, 2004.

RIVAROLA, Domingo apud Águila, Álvaro del. Una reseña antropológica de la inserción laboral de migrantes paraguayos em la industria de la construcción de la Ciudad de Buenos Aires. In: *Miradas em movimiento*, volumen II- Septiembre 2009

YORE, Fátima Myriam. La dominación stronista. Orígenes y consolidación. Seguridad nacional y represión. Asunción: BASE Investigaciones sociales, 1992.

Internet

CÉSPEDE, Roberto e PAREDES, Roberto. La resistencia armada al stronismo: panorama general. In: *Novapólis revista de estudios políticos contemporâneos*. Edición nº08 agosto/2004, p. 08-09. Disponível em: <http://novapolis.pyglobal.com/08/novapolis8.pdf> Consulta em: 05/04/2008.

MORAES, Ceres e COLMÁN, Evaristo. *A guerrilha da FULNA: considerações preliminares*. Disponível em: http://www.cedema.org/uploads/moraes_colman.pdf Acesso: 02 de julho de 2014

NICKSON, Andrew. *Las Guerrillas del Alto Paraná*. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/borrador_libro_volumen_16-libre.pdf Acesso: 02 de julho de 2014.

SÁNCHEZ, María Antonia. *Exilio(s) paraguayo em Argentina (1940-1985)*. UBA. Buenos Aires. 30 de abril de 2009. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/SanchezMariaAntonia.pdf> Consulta em: 18 de março de 2010.

SOLER, Lorena. *Dominación política y legitimidad: El stronismo en el contexto de América Latina*. In: *Novapólis*, N° 4 de Abril de 2009. Disponível em: <http://iealc.fsoc.uba.ar/archivos/soler-novapolis.pdf> Consulta em: 10 de março de 2010.

DURE, Victor V. e SILVA, Agripino. Frente Unido de Liberación Nacional (1960-1965), guerra de guerrillas como guerra del pueblo. In: *Novapólis revista de estudios políticos contemporâneos*. Edición n°08 agosto/2004, p. 08-09. Disponível em: <http://novapolis.pyglobal.com/08/novapolis8.pdf> Consulta em: 05/04/2008.